

## O CONTEXTO CAPITALISTA DO FINAL DO SÉCULO XX E A RELAÇÃO ENTRE A REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA E A MÍDIA.

Luiz Francisco Matias Soares\*  
Ronaldo B. Colvero\*\*

### RESUMO:

Com a derrocada do socialismo e o predomínio do capitalismo no final do século XX, vemos que o mundo e por extensão o Brasil, passariam por uma reordenação política e econômica. Na redemocratização brasileira ocorreria o uso da mídia como instrumento vinculado aos interesses do capitalismo.

**Palavras-chave:** Capitalismo. Mídia. Democracia.

### ABSTRACT:

With the collapse of socialism and the predominance of capitalism in the late 20th century, we see that the world and by extension the Brazil, would by a political and economic reordering. In Brazilian re-democratization would use media as an instrument linked to the interests of capitalism.

**Key-words:** Capitalism. Media. Democracy.

### Introdução

Este ensaio analisa a relação da mídia na redemocratização do Brasil, no contexto capitalista do final do século XX. Baseamos em documentário cinematográfico, com depoimentos e entrevistas daquele período, antecedido pelos fundamentos de alguns autores e pensadores do século XVII, XVIII e XIX para um entendimento mínimo das bases do capitalismo, considerando o espaço em que nos propomos a fazer o presente ensaio, não sendo nosso objetivo esgotar as possibilidades de abordagem do assunto ou ambicioso julgamento conclusivo, ao contrário, consideramos que deverá ser mais ainda investigado.

A pesquisa histórica, com a utilização das ciências auxiliares combinadas com as novas ferramentas no campo da informação instantânea, como a informática e a internet,

---

\* Mestrando em História pelo PPGH da UPF- Universidade de Passo Fundo/RS. Bolsista CAPES.

\*\* Doutor em História pelo PPGH da PUCRS, professor do curso de Ciência Política da UNIPAMPA - Campus de São Borja/RS.

muito tem contribuído para a composição de trabalhos inovadores. A importância maior que vemos está relacionada ao que o historiador Jacques Le Goff, quando se referiu à interdisciplinaridade, indicou tratar-se da capacidade de não desprezar nenhum tipo de fonte, sejam elas imateriais, como na história oral, por exemplo, ou materiais.

No caso de fontes materiais, entendemos que há a necessidade de se buscar sempre os questionamentos pertinentes aos objetivos traçados para uma investigação.

Assim, o contexto político e econômico em que o mundo se encontrava no final do século XX, pode ser observado utilizando-se a tecnologia da informação, que naquele momento proporcionou larga quantidade de fontes, dando a possibilidade de serem analisadas de maneira a revelar um formidável detalhamento, mas que devem sempre ser previamente criticados.

### **A democracia do capitalismo**

No último quartel do século XX, os acontecimentos no panorama mundial contrastavam a derrocada do socialismo na forma do comunismo e o predomínio do capitalismo. Desta época vem à lembrança uma imagem simbólica, no ano de 1989: a queda do Muro de Berlim e o esfacelamento do bloco socialista. Coincidentemente, na mesma época em que o Brasil estava se redemocratizando, como veremos mais adiante.

Transmitida pela mídia televisionada e largamente estampada nos jornais do globo terrestre, atestando os efeitos da Perestroika<sup>1</sup>, as reportagens retratavam o fim do regime comunista e o prenúncio de uma nova era, onde a humanidade caminharia para a liberdade e a estabilidade, que seriam garantidas por regimes políticos democráticos.

Porém, nos últimos 10 anos do século XX e na primeira década do século XXI, tais previsões passaram de um clima de esperança e otimismo para um ambiente de crise mundial e paradigmas com recessão econômica. Isto sem contar na ameaça de destruição do planeta, agora não mais só por bombas e ogivas nucleares, antes fruto da corrida armamentista da “Guerra Fria”, mas também na volúpia do consumo capitalista cada vez mais acelerado e indicando para a destruição dos recursos naturais.

Então, a pergunta que poderíamos fazer de imediato é: Por que as mudanças ocorridas não foram suficientes para alcançarmos o que as reportagens tão bem elaboradas indicavam surgir dos escombros do Muro de Berlim?

A resposta estaria ligada a forma em que o mundo se relacionaria com a economia e a política. Lembramos aqui que, o Mundo no século XX, esteve a um passo de virar poeira. Sofreu com duas guerras mundiais, entremeadas pela grande crise de 1929 e com o final da Segunda-Guerra, em 1945, logo passou a equilibrar-se em uma instável bipolaridade entre dois blocos comandados pelas duas principais potências bélicas – EUA x URSS: Capitalista x Socialista. Estes dois blocos, aproveitando-se de uma tecnologia cada vez mais desenvolvida, criaram programas espaciais com objetivos exploratórios, mas que acabaram servindo entre outros propósitos para instalação de satélites espões com gigantescas lentes a fim de monitorar o quintal alheio, e projetos como o da Guerra nas Estrelas, tão fantasioso quanto dispendioso. Efeitos da Guerra fria: a “Corrida Espacial” e a “Corrida Armamentista”

O mundo estava então com sua economia voltada para a guerra, ou seja, ganhava-se dinheiro com a guerra. As fábricas passaram a atender as demandas voltadas para este fim e a tecnologia avançou no sentido de possibilitar cada vez mais na sofisticação incluindo-se aqui a mídia, que adiante falaremos.

Então, a balança dos blocos Capitalista x Socialista que se equilibrava e dava sentido a tudo, com a queda do socialismo se desestabilizou.

Sendo assim, às crises “pós-queda do Muro” estariam ligadas ao desequilíbrio e à hegemonia do bloco capitalista, a partir daí iniciou-se as disputas por mercados dentro do quadro neoliberal, e como já dizia o Pastor Malthus<sup>2</sup>, a natureza é avara e as populações são prolixas e naturalmente nem todos poderiam participar do banquete celestial, o mercado e a produção dependiam também deste equilíbrio que agora estava debilitado.

A próxima parada então seria a adequação de todos a um sistema político que favorecesse a livre circulação de capital, em um mundo que agora estaria globalizado, como Milton Santos observou, dentro do neoliberalismo as grandes corporações

transnacionais passaram a controlar o mundo, e o consumo passou a ser o grande fundamentalismo<sup>3</sup>.

A hegemonia do capitalismo, no ritmo do projeto neoliberal, se adequaria muito bem na democracia, pois a característica marcante do neoliberalismo é a ausência do estado como regulador da economia, e a democracia seria o regime político onde a liberdade da iniciativa privada melhor se enquadraria.

Neste passo, mesmo com crises como a do petróleo da década de 1970 e algumas adaptações ocorridas também nos anos da década de 1980, ainda assim o mundo aguardaria até o final daquela década para ver o capitalismo como economia e ideologia a se propagar por todos os lados do planeta, inclusive no Brasil.

O Brasil esteve sob a tutela de um regime militar desde 1964, em que o princípio do regime era manter o país dentro do mundo capitalista, e não passar para o bloco socialista/comunista. Os países capitalistas utilizavam como prerrogativa a possibilidade de ter mais liberdade individual e o direito à propriedade privada, liberdade de expressão, liberdade no mercado econômico e consumo, ideias que pensadores como John Locke, Thomas Hobbes e Adam Smith influenciaram sobre o pensamento ocidental e que foram estabelecidas nas bases das democracias liberais.

Vejamos então a seguir, como e de onde vieram algumas das ideias que prevalecem, com nova roupagem, ao longo de mais de duzentos anos, que se adaptaram aos regimes democráticos ocidentais, onde a mídia se insere como componente importante.

Estas ideias que no século XVIII, já se propagavam entre os iluministas franceses da revolução de 1789, que entre outros também foram buscar no filósofo inglês John Locke, nascido em Wrington, em 1632 e falecido em 1704, a fonte de inspiração para fundamentar a luta contra a tirania e a busca da liberdade, sobre tudo burguesa.

Na Inglaterra da revolução burguesa e na América do Norte, na luta pela independência de 1776 as ideias que floresceram também tiveram inspiração em Locke para formular a democracia liberal. Fundamentalmente se baseavam na compreensão do poder político e a sua origem, levando em conta o estado natural dos homens, mais

precisamente na teoria do “Estado de natureza” que dá a explicação da necessidade para afastar as sociedades da barbárie e assim, a partir da decisão da maioria, a fundar a sociedade representada pelo Estado Político, que regularia as relações sociais na sociedade Política em um contrato social.

Mas, além de Locke, já identificado aqui como basilar no pensamento político ocidental e por extensão no capitalismo, podemos também encontrar mais destes fundamentos em Thomas Hobbes, que também analisou o Estado de Natureza e teorizou sobre o Contrato Social.

Hobbes criticou o absolutismo em sua obra escrita em 1651 “O Leviatã, ou Matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil”, mas sua obra se refletiria muito nos próximos séculos. Em sua crítica, faz com que todos prestem a atenção no que ocorria naquele momento na Inglaterra e, guardadas as proporções, a crítica se fazia em um período de regime republicano, mas altamente despótico.

O “Leviatã” é um monstro bíblico, uma espécie de grande hipopótamo de que fala o Livro de Jô, no qual expõem que não há poder sobre a terra que se lhe possa comparar. Não menos estranho é o frontispício do livro, vê-se aparecendo a meio corpo por detrás das colinas, dominando uma paisagem de campos, bosques e castelos que precedem imponente cidade – um gigante coroadado. É moreno, de bastos cabelos e bigode, com um olhar fixo, penetrante, com um sorriso imperceptivelmente sarcástico (assemelhar-se-ia, segundo se disse a Cromwell). A parte visível de seu corpo, bustos e braços, é feita de milhares de pequeninos indivíduos aglomerados. Com a mão direita empunha, erguendo-a acima do campo e da cidade, uma espada: com a esquerda um cajado episcopal.

Além do poder midiático que a capa e o próprio livro passaram a exercer naquela sociedade em mudança, lembramos do que já vimos anteriormente relacionados à mídia.

Entendemos aqui também ser possível aproximar o pensamento hobsberiano aos preceitos originários ao capitalismo, quando Hobbes fundamenta sua concepção de natureza humana, pois para ele é básico o conceito de “conatus” a força genética do

comportamento. É um impulso original ou “começo interno” do movimento animal para se aproximar do que lhe causa satisfação ou para fugir do que lhe desagrada.

Dizia Hobbes que esse conatus impulsiona o homem a vencer sempre. A vida começa com o conatus positivo, o desejo. Em termos de vida social, ultrapassar o outro é fonte primordial de satisfação, por isso estar continuamente ultrapassado é miséria, enquanto ultrapassar continuamente quem está adiante é felicidade. É da sua natureza o egoísmo, constituído por um perpétuo e irrequieto desejo de poder e mais poder que só termina com a morte.

A vontade obedece à razão, segundo o racionalismo clássico. Porém para Hobbes, é apenas apetite. Um determinismo mecanicista regeia não só os movimentos do universo como também a atividade psicológica do homem. O livre arbítrio não passaria de ilusão: seria apenas uma expressão destinada a ocultar a ignorância das verdadeiras causas das decisões humanas.

Assim, as leis não são deduzidas por Hobbes de um instinto natural, nem de consentimento universal, mas da razão que procura os meios de conservação do homem; elas seriam imutáveis por constituírem conclusões tiradas do raciocínio.

Este postulado faz de Hobbes um pioneiro do *utilitarismo*<sup>4</sup>, porque justifica a obediência moral como meio para uma “vida social, pacífica e confortável”. As leis, no entanto, careceriam de um reforço como garantia de seu cumprimento em salvaguarda do pacto social.

Tornava-se indispensável um governo que fosse seguido por todos os componentes do corpo social, e isto haveria de requerer que esse governo tivesse toda a força, porque somente seria capaz de corresponder à sua finalidade se exercido despoticamente.

Levando em conta o desejo de ultrapassar a todos presente em cada um sempre existiriam pessoas que, acreditando saber mais do que as outras, poderiam desencadear guerras civis a fim de conquistar o poder só para elas.

Tal foi a justificativa para o absolutismo, que Hobbes não derivou o absolutismo de um direito divino, como os teólogos políticos de sua época, mas das exigências do pacto social. Hobbes não admitia um governo misto como a monarquia constitucional,

acreditando que esta permitiria competições comprometedoras da paz entre os vários detentores do poder. O soberano não precisa dar satisfações de sua gestão, sendo responsável apenas perante Deus sob pena de morte eterna.

Não submetido a qualquer lei social, o soberano absoluto é a própria fonte legisladora. A obediência a ele deve ser total, a não ser que ele se torne impotente para assegurar paz durável e prosperidade.

Mas é em Adam Smith, escocês (1723-1790) filósofo e economista, considerado o pai da economia moderna e também o mais importante teórico do liberalismo econômico, que melhor pôde definir as linhas de interesse do mundo capitalista. Em sua obra chamada “Uma investigação sobre a natureza e a causa da riqueza das nações”, Smith disse que a riqueza das nações resultava da atuação de indivíduos que, movidos apenas pelo seu próprio interesse (self-interest), geravam o crescimento econômico e a inovação tecnológica. Assim pregava que a iniciativa privada deveria agir livremente, com pouca ou nenhuma intervenção governamental.

Em seu pensamento, ainda poderia ser visto que a competição livre entre os diversos fornecedores levaria não só à queda do preço das mercadorias, mas também a constantes inovações tecnológicas para assim se baratear o custo de produção.

Isto tudo se mediará por uma mão invisível com o sublime interesse de promover o bem-estar da sociedade. E assim, em consequência, os salários deveriam subir e os custos baixar.

Estas idéias doutrinárias de Adam Smith rapidamente influenciaram na burguesia que era formada pelos industriais e comerciantes, todos envolvidos na engrenagem e que almejavam um sistema político que fosse compatível com tais pressupostos.

Eis que os sistemas democráticos serviram como uma luva, vemos que para Lenin no século XX “Todas as formas de governo transitório em um regime capitalista são apenas variedades do Estado burguês, isto é, da ditadura da burguesia.” (*Apud PORTELLI, 1977, p. 63*) e passados mais de duzentos anos, as idéias de Smith ainda perduram entre as economias mundiais, com certos acréscimos de pensamentos como os de Friedman, mas no fundo o que se pode observar é de que mantém o fundamento da

ganância já visto aqui como (self-interest), talvez esta seja uma das principais barreiras para que se possa idealizar algo novo para a humanidade.

Mas, voltemos ao século XIX, aonde já vimos que as idéias do pastor Malthus também influenciavam diretamente no pensamento burguês da época. E para entendermos como se viabilizaram tais ideias, já que foi necessário entre outras ações transformar os regimes políticos em democracias por conta do avanço das burguesias industriais, é necessário falar sobre a Revolução Industrial.

Eric Hobsbawn ao analisar o desenvolvimento avassalador da industrialização, descreve como se deu conjuntamente ou no interior deste processo os rearranjos do sistema econômico

(...) a certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços (HOBSBAWN, 1996, p.44),

a transformação da economia e da sociedade nesta época já eram necessárias para manter o novo curso revolucionário, que seria conhecido como a Revolução Industrial.

Era necessária a transferência de mão de obra, do campo para as cidades, considerando para tanto, que a economia industrial e o sistema produtivo capitalista precisavam se apropriar e ou criar uma mão de obra urbana, portanto a retirada dos campos, como consequência, gerando a diminuição da população rural e o aumento nas demandas por alimentos para a população das cidades em brusco crescimento, sendo que isto também acabou repercutindo na agricultura doméstica, via revolução agrícola.

Para Hobsbawn a Grã-Bretanha já havia dado o passo no sentido de prover as cidades com a futura mão de obra antes da Revolução Industrial, ao iniciar no século XVI à XVIII o cercamento das terras ou o movimento das cercas que foi conseguida, segundo o autor, com um mínimo de problemas, embora aponte como principal momento o aumento tecnológico e de investimento de capital a partir de 1840, com a maturidade da ciência e a engenharia agrícola, proporcionando suprir uma população até três vezes maior que outrora, sendo isto apontado por Hobsbawn como obtido pela

transformação social e não tecnológica e suas contradições futuramente seriam derrotadas pelo capitalismo da classe burguesa, dona das fábricas.

Assim, já no início do século XX, temos após o triunfo do capitalismo inglês a passagem para o estafe dos EUA nação que se auto-intitulava como o exemplo máster da democracia, com suas grandes corporações industriais (cartéis e trustes) dotados de novas tecnologias.

No sistema capitalista poderia ser notado então que:

A economia capitalista mudou de quatro formas significativas. Em primeiro lugar, entramos agora numa nova era tecnológica, não mais determinada pelas invenções e métodos da primeira Revolução Industrial: uma era de novas fontes de poder (eletricidade e petróleo, turbinas e motor a explosão), de nova maquinaria baseada em novos materiais (ferro, ligas, metais não ferrosos), de indústrias baseadas em novas ciências tais como a indústria em expansão da química orgânica. Em segundo lugar, entramos também agora cada vez mais na economia de mercado de consumo doméstico, iniciada nos Estados Unidos, desenvolvida (na Europa ainda modestamente) pela crescente renda das massas, mas, sobretudo pelo substancial aumento demográfico dos países desenvolvidos. De 1870 a 1910, a população da Europa cresceu de 290 para 430 milhões, a dos Estados Unidos de 38,5 para 92 milhões. Em outras palavras, entramos no período da produção de massa, incluindo alguns bens de consumo duráveis (HOBBSAWN, 1996. p.418).

Mas, se por um lado o capitalismo utilizando-se das democracias liberais formou-se ao longo dos tempos como o modelo econômico utilizado pelo mundo burguês e passou a ser administrado centralmente pelos EUA em conjunto com as demais potências do bloco capitalista no século XX e até os dias atuais, é bem verdade que houveram tentativas de quebra de sua hegemonia em prol de um projeto socialista, tanto na Europa quanto em demais países do mundo, o Marxismo.

Para Marx e Engels, principais pensadores ligados ao Materialismo histórico, sobretudo no período de 1848-1850, o futuro da humanidade seria quando a sociedade não mais tivesse divisões de classes e a burguesia fosse destituída do poder e substituída pelo proletariado. Recordamos também que Karl Marx baseava a história na Luta de Classes e a ruptura com o modelo capitalista seria pela auto-afirmação dos operários via ditadura do proletariado, e os preceitos contidos no Manifesto comunista, que tanto

causou medo aos industriais burgueses: “1) o Estado teria sua gênese na divisão da sociedade em classes,... 2) a função do Estado consistiria precisamente em conservar essa divisão, assegurando que os interesses particulares de uma classe possa se impor como interesse universal da sociedade” (COUTINHO, 1987, p.63); posteriormente o que seguiu em Lênin na Rússia da revolução bolchevique em 1917, com a linha mais ativa e revolucionária por ruptura violenta, vista na *Praxi*.

Como já vimos, a revolução de 1917 instaurou o regime comunista e a União das Republicas Socialistas Soviéticas que perdurariam até 1989, quando o mundo viu o regime se dissolver.

Já para Antonio Gramsci que desenvolveu suas ideias no estudo da sociedade civil com o objetivo de acentuar a importância da intelectualidade cultural e ideológica a fim de garantir a hegemonia das classes proletárias. “O proletariado pode tornar-se classe dirigente e dominante na medida em que consegue criar um sistema de alianças de classes que lhe permitirá mobilizar contra o capitalismo e o Estado burguês a maioria da população trabalhadora...”<sup>5</sup>

### **A adaptação da mídia na redemocratização do Brasil.**

Não nos deteremos aqui em perseguir conceitos variados ou definições conclusivas quanto à mídia<sup>6</sup>, pois entendemos ser mais proveitoso neste artigo partirmos para o campo dos efeitos que a humanidade, sobre tudo, após o final da segunda guerra mundial, passou a sofrer pelo uso da mídia em todas as áreas, compreendidas desde a social, econômica e principalmente a política.

Aqui em especial, no contexto da democracia que, como já vimos até aqui, no final do século XX, teve o seu canto do cisne, cristalizado na imagem simbólica da queda do muro de Berlim, no ano de 1989 e que coincidentemente no Brasil, no mesmo ano se desenhava a redemocratização pelas eleições diretas para presidente, após 25 anos do início da ditadura militar.

É no campo da comunicação de massa que podemos perceber os efeitos mais significativos que no decorrer da segunda metade do século XX, com o uso sofisticado

da mídia, atrelado a uma “Nova Ordem Mundial” <sup>7</sup>, pelo poder político somado ao econômico, principalmente no mundo capitalista.

No Brasil, assim também como no mundo, a mídia passou a ser um elemento fundamental na estrutura da globalização econômica utilizando-se, do ambiente de liberdade da democracia, ou auxiliando na manutenção de regimes políticos autoritários, mas capitalistas. A influência da mídia no consumo se deu por tabela na esfera cultural, adquirindo status como um dos setores mais importantes neste novo panorama mundial de linguagens e mensagens, refletindo-se em um marketing de corações e mentes, pois:

(...) a maioria das sociedades contemporâneas pode ser considerada como centrada na mídia (media centered), vale dizer, são sociedades que dependem da mídia – mais do que da família, da escola, das igrejas, dos sindicatos, dos partidos etc. – para a construção do conhecimento público que possibilita, a cada um dos seus membros, a tomada cotidiana de decisões, políticas inclusive (LIMA, 2001, p.13).

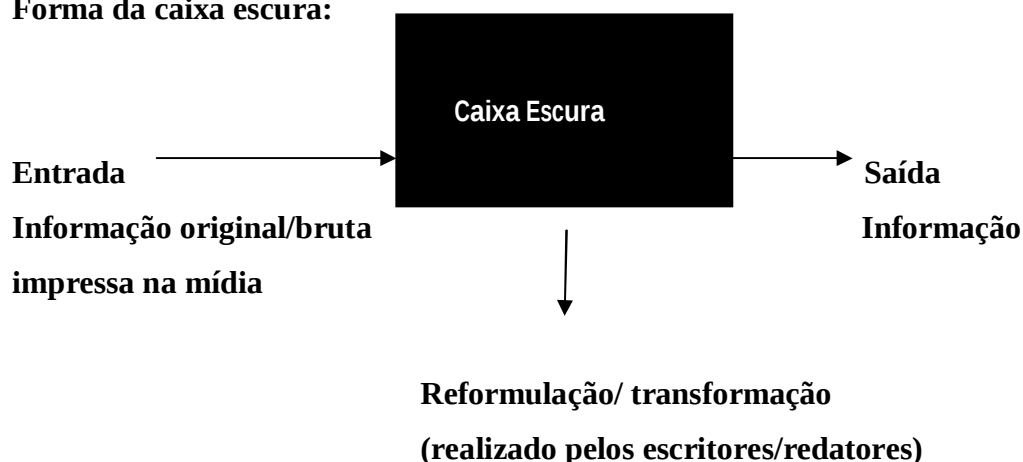
Neste campo, ressaltamos o aprimoramento da informação, supomos aqui o seu uso como instrumento de dominação social do sistema capitalista, isto se caracteriza quando vemos no Brasil, determinadas alterações das mensagens tanto no aspecto qualitativo e ou quantitativo que aqui relacionaremos principalmente com a mídia da imprensa, em especial a da televisão.

Para buscar atingir nosso objetivo de análise utilizaremos o método da caixa escura de Albert Kientz<sup>8</sup> já apresentado em dissertação acadêmica pelo professor MS. Arilson dos Santos Gomes<sup>9</sup>.

Para Albert Kientz (KIENTZ, 1973, p.78) todo o órgão de imprensa é, simultaneamente, receptor de mensagens, que chegam através das agências de notícias, por diversos meios. Do tempo entre a recepção até a emissão, a informação é tratada, pasteurizada até ser externada para o público.<sup>10</sup>

Quando entram na “caixa escura”, recebidas na sala de redação, pelas agências, as notícias são informações originais. Do outro lado, teremos a forma impressa ou retratada nos artigos, produto pronto a ser consumido.

**Forma da caixa escura:**



Kientz dizia que as alterações das mensagens poderiam se dar por três formas: “perdas de informações, distorções e parasitagem”. Utilizando o método da caixa escura, analisaremos a seguir o exemplo do poder da mídia como veículo de comunicação e a sua influência como formadora de opinião no contexto da redemocratização no Brasil dos anos da década de 1980.

É o caso da Rede Globo de Televisão, que embora desde o regime militar (1964-1985) já se destacara como veículo midiático que se encarregava de passar uma imagem de tranquilidade no país em meio aos “Anos de Chumbo”.

Aqui buscamos identificar no caso das eleições diretas para presidente do Brasil em 1989 a influência da mídia e como ela procurou se adaptar na redemocratização brasileira. E a partir daí, estabelecer a conectividade na narrativa dos fatos. As informações por entrevistas e comparações de discursos e versões fazem parte do documentário cinematográfico que identificaremos mais adiante.

No Brasil, país de industrialização tardia, que somente após os anos de 1930 aceleraria o desenvolvimento capitalista, mas que conservaria os traços do atraso e do subdesenvolvimento, ainda assim teria uma pequena elite capitalista. Junto a esta elite orbitavam nos anos da década de 1980, 2/3 da classe de políticos que possuíam concessão como proprietários de meios de comunicações e que estabeleciam contato direto com grandes receitas de capital do governo. Assim viabilizavam além de suas

fortunas, a manutenção do controle social pela classe dominante capitalista via o aparato da mídia brasileira.

As organizações Globo, detentora do monopólio das telecomunicações no país, destinava nos anos da década de 1980 e 1990, 40% dos seus gastos com o jornalismo, sendo que grande parte da programação era concentrada no Rio de Janeiro e em São Paulo. Contando sempre com grande credibilidade, contribuíam para que o aparato da mídia salvaguardasse os interesses capitalistas das elites no país. E assim, o seu presidente Roberto Irineu Marinho, mantinha-se no comando da maior Rede de comunicações e de televisão da América do Sul e com reputação internacional.

No entanto, alguns fatos ocorridos, e que vieram a público em um filme documentário produzido em 1993, pela BBC de Londres de nome - Muito Além do Cidadão Kane<sup>11</sup>, mostraram a origem da Rede Globo e seu envolvimento com o regime militar nos anos da década de 1960 e 1970. Identificaram que já nos anos da década de 1980, em pelo menos quatro vezes, como a sua área de jornalismo operou com a manipulação ou a distorção de notícias.

No primeiro caso, ocorrido em 1980, ainda no período final do regime militar, mas já em processo de redemocratização, surge o movimento sindical dos metalúrgicos brasileiros no ABC Paulista, época em que ocorreram muitas manifestações e greves dos operários.

Luiz Inácio (Lula) da Silva, na época da greve era líder do sindicato e fora preso por violar a lei de segurança nacional. No documentário afirma que:

a Rede Globo não dava o número de manifestantes da greve, não passava as deliberações dos metalúrgicos corretamente e em certo momento entrevistaram ele representando os operários e o empresário Mário Carneiro representando o sindicato patronal. Quando foi ao ar a entrevista só apareceu a fala do empresário.

Armando Nogueira – responsável pelo jornalismo da Rede Globo de 1967 a 1989, diz no documentário: “Era a recomendação que a gente tinha – instrução de parte da ditadura que era de fazer uma cobertura absolutamente soft, sem som ambiente, ou seja, sem trilha sonora, sem que se pudesse ouvir os líderes sindicais, só os líderes patronais.”.

Já com relação a estes mesmos episódios o jornalista Fernando Pacheco Jordão, na época também funcionário da Rede Globo, afirmou que o escritório central permitiu que se fizesse um documentário sobre estas greves que foi censurado pela chefia do jornalismo:

(...) foi um ótimo documentário, mais ele nunca foi apresentado, nem mesmo para a diretoria da Rede Globo. Na chefia de jornalismo é que foi censurado. Acho que este foi um momento em que não houve interferência do governo. Foi uma decisão da Globo.

No segundo caso, em 1982, Leonel de Moura Brizola, líder da esquerda que voltara do exílio anistiado em 1979, concorreria ao governo do estado do Rio de Janeiro contra um candidato militar. Entrevistado no documentário, Luiz Carlos Cabral, na época produtor de jornalismo da Rede Globo/RJ afirmou: “A TV Globo, já antes das eleições, estava lendo de maneira distorcida os resultados das pesquisas do IBOP (...)”. O resultado oficial com a vitória de Brizola foi constantemente adiado pelos veículos de comunicações da Rede Globo.

Segundo a fonte consultada haveria uma articulação de golpe por membros remanescentes da ditadura. Os conspiradores alteraram os programas de computadores e planejaram roubar as urnas ao final da votação. Tinham a certeza de que a TV Globo condicionaria à população para aceitar o resultado. A conspiração foi descoberta e Brizola foi eleito.

No documentário, Armando Nogueira diria que: “foi cometido um erro. Por medida de economia a Rede Globo apoiou a sua cobertura de números no sistema de computadores do Jornal O Globo.”

A esta altura, o documentário retrata que as reportagens da Rede Globo das manifestações públicas de centenas de pessoas pedindo eleições diretas para presidência da república e pela democracia, constantemente eram mostradas de maneira a não detalhar o que estava ocorrendo. Porém, vídeos amadores foram feitos e a Globo teve que se adequar aos fatos transmitindo em detalhes o que estaria ocorrendo.

No terceiro caso, em 1989 a Rede Globo começou a dedicar amplo espaço na programação normal em rede nacional, fora do horário político, ao então candidato à presidência da república Fernando Collor de Mello, identificado com as elites e membro

de família alagoana proprietária de Canais de televisão e jornais. A propaganda eleitoral obrigatória fez com que a Rede Globo a vinculasse todos os partidos com seus programas políticos indistintamente.

Collor e Lula foram para o segundo turno e houve dois debates transmitidos pela TV, Lula tivera melhor desempenho no primeiro. No segundo debate, 72 horas antes das eleições foi editado um vídeo tape totalmente favorável ao candidato Collor.

No documentário, Viane Pinheiro- produtor da Globo/SP de 1987 a 1989 que era também o supervisor da primeira edição do vídeo tape, disse: “(...) o cerne da questão é este : entre a edição do Jornal Hoje e na edição do Jornal da Tarde o resumo do debate foi alterado pelo Alberi de Souza Cruz e pelo Ronald Carvalho. Na essência não houve aqueles critérios básicos que nortearam na edição da manhã... e ficou uma coisa totalmente desbalanceada, ficou uma peça publicitária e não o resumo de um debate.”

Já Armando Nogueira ao ser novamente confrontado declarou: “não tinha visto este compacto, (...) Protestei diretamente ao dono da Rede Globo – Roberto Marinho, que a Globo foi infeliz porque foi Burra”.

Assim, por haver protestado publicamente – Pinheiro foi demitido. E por haver protestado internamente, Nogueira foi aposentado e substituído por Alberico, o responsável pela farsa do vídeo tape do debate favorável ao candidato das elites – Fernando Collor.

O efeito se não foi decisivo, contribuiu diretamente na eleição de Collor, pois antes da edição do debate na sexta- feira, os dois candidatos estavam empatados, depois, já no domingo a diferença era de quatro pontos favoráveis para Collor.

No documentário ainda temos o relato da uma ex-jornalista da própria Rede Globo, Beth Costa, que diz:

(...) os jornalistas na redação na verdade recebem as ordens prontas, às vezes você está desenvolvendo a matéria num determinado sentido e de repente recebe via o seu supervisor uma ordem dizendo olha tira esta parte, muda um pouquinho aqui, vamos tentar mostrar este outro lado, quer dizer, o jornalista em si... pra nós é muito difícil saber de onde vem isso, mas que vem...vem.

O que acabamos de ver aqui são exemplos gritantes do modelo da caixa escura, que extrapolam o modelo de Kientz, no caso da Rede Globo, levados às últimas

consequências, mas até hoje nenhum executivo ou jornalista foi responsabilizado civil ou criminalmente.

Cabe ressaltar que em 1992, já eleito presidente, Fernando Collor de Mello para evitar seu Impeachment, renunciaria ao mandato, devido às denúncias de corrupção envolvendo seu governo, amplamente divulgadas pela Rede Globo.

Consideramos que a mídia jornalística da Rede Globo, demonstrou que estava a serviço das elites e procurava assim se adequar dentro da democracia e se aproximar da estrutura de poder capitalista que se reorganizava também no campo político no país naquele momento.

Este seria o quadro, que mais amplamente pode ser visto no que Boaventura de Souza Santos enumerou em relação à mídia:

(...) está a ocorrer globalmente, devido à revolução nas tecnologias de comunicação e informação, à desregulamentação do sector e do mercado das comunicações, à transformação da publicidade em fator decisivo de rentabilidade, à crescente concentração da propriedade dos órgãos de comunicação social, à integração do capital mediático noutros sectores de produção e serviços e, finalmente, à crescente promiscuidade entre estes sectores e o poder político (...). 12

Como também já vimos, os casos listados fazem parte de um documentário de 1993 de uma rede de TV de nacionalidade inglesa. E, considerando que, por mais de duzentos anos a Inglaterra juntamente com os EUA se notabilizaram por serem um dos berços do pensamento político ocidental contemporâneo e da competição econômica capitalista, então, destacamos duas questões recorrentes: Quais os interesses que poderiam estar por traz destas denúncias? E a quem interessaria o efeito do documentário? Estas questões ainda perduram.

Mas, a mídia representada aqui pela Rede Globo e seus esquemas, serviu às elites do capitalismo, não se tratava de um veículo de comunicação, com finalidade social, e sim uma empresa que visava a melhor forma (ambiente) para aumentar o seu lucro. Isto, primeiro em um regime militar de direita e depois buscou influenciar na eleição presidencial de 1989 em uma democracia insipiente, havia o temor de que se Lula fosse eleito às elites correriam perigo.

### **Considerações finais:**

Em nossa proposta de análise, a relação da mídia com a democracia brasileira no período da redemocratização na década de 1980 e principalmente quando das eleições diretas para presidente da república em 1989, deu demonstrações de estar disposta a colaborar para a manutenção das elites no poder, favorecendo o candidato Fernando Collor de Mello. Por conseguinte estabelecendo relação com a ideologia capitalista, baseada no monopólio e controle absoluto da economia e da política.

Vimos as transformações que o mundo atravessava exatamente no mesmo período em que o Brasil se redemocratizava e tinha eleições diretas para presidente da República depois de mais de 21 anos de ditadura militar (1964-1985) e 25 anos sem eleições diretas para Presidente da República (1964-1989), era o momento em que o regime socialista mundial se esfacelava cristalizado pela imagem da queda do muro de Berlim e o marco do fim da bipolaridade mundial – Capitalismo X Socialismo.

O capitalismo então reinaria absoluto no mundo ocidental, mas isso não significaria que o mundo escaparia das crises no final do século XX e primeira década do século XXI. Em retrospecto, buscamos analisar as origens do pensamento capitalista em seus principais pensadores do século XVIII e XIX, e entendemos que a democracia em que o capitalismo esta inserido no século XXI não alcança uma linha de preocupação com o bem estar das populações mundiais, mas sim com a manutenção de uma política que permita o alto lucro e a concentração de riqueza na mão de poucos, assim como fora nos séculos XVIII, XIX e XX.

Embora não seja possível negar que ocorreram muitos avanços no campo da tecnologia, dos direitos humanos e da cidadania ao longo destes mais de 200 anos, e de que existe também no caso da mídia a imprensa séria e responsável. O que vemos sobre tudo é que o sistema capitalista tanto no mundo quanto no Brasil procurou se adaptar da melhor forma. E a mídia, no Brasil, no período analisado, estava controlada pelo monopólio da Rede Globo e tornou-se instrumento para manutenção do poder capitalista, tanto no regime autoritário dos militares quanto na passagem para a

democracia da Nova República, naquele momento, com a eleição de Fernando Collor de Mello.

### Referências Bibliográficas

AMIN, Samir. *O Desenvolvimento Desigual, ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico*. Forense Universitária. SP 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson, *A Dualidade de Poderes – Estado, revolução e democracia na teoria marxista*. 2ª edição Editora brasiliense. 1987

DIEHEL, Astor Antônio. *Do Método Histórico*. Ed.UPF. PassoFundo/RS.2001

GOMES, Arilson dos Santos, *A Formação de Oásis: dos Movimentos Frentenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958)*. Programa de Pós-Graduação em História na PUCRS em 2008

HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou Matéria, Forma e Poder de Um Estado Eclesiástico e Civil*. Ed. Martin Claret. São Paulo/SP 2004.

HOBBS, Eric J. *A Era do Capital*, Paz e Terra, São Paulo, SP. 1996.

\_\_\_\_\_. *A Era das Revoluções*, Paz e Terra, São Paulo, SP. 1996

LE GOFF, Jacques, *História e Memória*. Editora da UNICAMP, SP,Campinas 1990.

LIMA, V. A. *Mídia: Teoria e Política*. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2001

LOCKE, John. *Segundo Tratado Sobre o Governo*. Ed. Martin Claret. São Paulo/SP 2005.

CHAUÍ, Marilena e Marco Aurélio Nogueira. *O Pensamento Político e a Redemocratização do Brasil*. Revista Lua Nova, São Paulo, 2007. p. 173-228.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o Bloco Histórico*. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1977

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1985

SANTOS, Boaventura de Souza. *Media e Democracia*, Publicado na Visão em 25 de Novembro de 2004, fonte consultada: <http://www.ces.uc.pt/opinioao/bss/118.php>, visto em 20/10/2010.

SHERMAN, E.K. Hunt & Howard J. *História do Pensamento Econômico*. Ed. Vozes. Petrópolis, 2001.

WEFFORT, Francisco. *Por que democracia?* São Paulo: Brasiliense. 1984.

### Consulta na INTERNET:

<http://www.youtube.com/watch?v=m0m1rmi-Ooc&feature=related>(Acessado em:15/11/2010)

### Notas

---

1 Perestroika é termo russo que significa reestruturação, reconstrução, designativo do processo de ampla reorganização levado a efeito no final da década de 1980, em setores da vida soviética. Lançada em 1985, pelo secretário geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, a Perestroika caracteriza um conjunto de reformas implementadas no plano político, social e econômico e realizadas através da glasnost, palavra de conceituação complexa, mas que pode ser entendida como “transparência”, “abertura”. AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990. p.306.

2 A partir do século XIX, o pensamento de Malthus influenciou grandes pensadores, como Darwin e Wallace, e na área da economia principalmente com a ideia dos freios naturais que viria a justificar o pensamento liberal. Para o autor, a diferença entre as classes sociais era uma consequência inevitável. A pobreza e o sofrimento eram o destino para a grande maioria das pessoas

3 Ver mais em Encontro com Milton Santos, disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=IzTjR\\_X47pc](http://www.youtube.com/watch?v=IzTjR_X47pc)

4 Na Filosofia, o utilitarismo é uma doutrina ética que prescreve a ação (ou inação) de forma a otimizar o bem-estar do conjunto dos seres sencientes. O utilitarismo é então uma forma de consequencialismo, ou seja, ele avalia uma ação (ou regra) unicamente em função de suas consequências. Filosoficamente, pode-se resumir a doutrina utilitarista pela frase: Agir sempre de forma a produzir a maior quantidade de bem-estar (Princípio do bem-estar máximo). Trata-se então de uma moral eudemonista, mas que, ao contrário do egoísmo, insiste no fato de que devemos considerar o bem-estar de todos e não o de uma única pessoa. Antes de quaisquer

outros, foram Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) que sistematizaram o princípio da utilidade e conseguiram aplicá-lo a questões concretas – sistema político, legislação, justiça, política econômica, liberdade sexual, emancipação feminina, etc. Em Economia, o utilitarismo pode ser entendido como um princípio ético no qual o que determina se uma decisão ou ação é correta, é o benefício intrínseco exercido à coletividade, ou seja, quanto maior o benefício, tanto melhor a decisão ou ação. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Utilitarismo>, consulta em 19/04/2010.

5 A principal experiência vivida por Gramsci entre a Revolução Russa e sua prisão, ocorrida em novembro de 1926, foi a do fracasso da revolução socialista nos países da Europa Ocidental”. Uma após outra, as situações revolucionárias surgidas na Hungria, na Alemanha, na Itália, culminaram na derrota do proletariado e na restauração (frequentemente autoritária ou fascista) do poder capitalista. Em seu próprio país, Gramsci assistiu ao esvaziamento e à derrota, em 1920, do movimento dos “conselhos de fábrica” ; esse consistia numa experiência de democracia direta, de que Gramsci foi o principal teórico, concebendo-a segundo uma concepção de duplo poder muito próxima da formula pelos bolcheviques em 1917 (os “conselhos de fábrica” seriam a base imediata do novo poder proletário). Por outro lado, ao constatar a adesão em massa da burguesia italiana ao regime fascista, Gramsci pôde constatar na prática a impossibilidade de considerar como lei geral a afirmação de Lênin – segundo a qual a república democrática seria a melhor forma política da dominação burguesa “ -COUTINHO, Carlos Nelson, A Dualidade de Poderes – Estado, revolução e democracia na teoria marxista”. 2ª edição Editora brasiliense. 1987, p.62. Em Gramsci, supomos que se poderia ter feito a diferença nos rumos do comunismo mundial, chamamos a atenção para a questão do *Bloco Histórico* e a formação de intelectuais que assegurassem as ideias que fundamentariam a hegemonia cultural do proletariado, não só para contrapor ao Estado Capitalista e seu poder hegemônico, mas quem sabe, um mundo realmente mais justo, infelizmente ficou só como possibilidade ainda a ser alcançada.

6 Considerando que o conceito de mídia ainda hoje é variado inclusive no meio acadêmico, utilizaremos neste artigo o mais amplo possível que o considera como sendo “...o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. [...] se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa...” Ver mais em : LIMA, V.A. Sete teses sobre a relação Mídia e Política. Mimeo, 2003.

7 Esta expressão foi utilizada pela primeira vez pelo presidente Franklin Delano Roosevelt em 1941, na II Guerra Mundial. Mas também é um conceito sócio-econômico-político que faz referência ao contexto histórico do mundo pós-Guerra Fria. Foi utilizado pelo presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan na década de 1980, referindo-se ao processo de queda da União Soviética e ao rearranjo geopolítico das potências mundiais.

8 Kientz explica que o jornal é uma espécie de caixa escura, onde a informação é recebida e no interior das redações ocorrem transformações e reformulações das matérias, diferente de como entrou, o que não significa, necessariamente, que as mensagens sejam falsas. O que acontece

são variações de sentidos das informações, Kientz desenvolveu o seu método da seguinte forma: primeiro deu ênfase ao “tratamento da informação”, segundo, explicou como ocorrem as “alterações das mensagens” e em um terceiro momento, desenvolveu as suas “fases de tratamento”. as informações somente chegam às redações através dos coletores das mesmas, que são receptores de mensagens. As notícias podem chegar à redação através de despachos das agências de notícias, telegrafadas pelos jornalistas, através de celulares, etc., e depois, são reformuladas. O autor denomina esta reformulação de rewriting, feita pelo escritor/redator. Pessoas responsáveis para tornar as informações atraentes e acessíveis à massa. KIENTZ, Albert. Comunicação de massa – Análise de conteúdo. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1973.

9 O professor Arilson utilizou o método de Kientz brilhantemente em seu trabalho de dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em História na PUCRS em 2008, com o título - A Formação de Oásis: dos Movimentos Frentenegrinos ao Primeiro Congresso Nacional do Negro em Porto Alegre – RS (1931-1958).

10 “A caixa escura dos cibernéticos é um sistema fechado cuja estrutura interna não é diretamente observável. Somente pelo estudo das reações aos impulsos que ele lhe comunica é que o observador poderá reconstituir, por vias dedutivas, o que se passa nessa estrutura escondida. O problema da “caixa escura” foi primeiramente formulado em eletricidade; dá-se a um engenheiro um caixa selada que apresenta a tomada de entrada, à qual ele pode aplicar os choques, tensões e perturbações que lhe apeteçam, e a tomada de saída, onde ele pode observar o que se produziu, pergunta-se então o que o engenheiro poderá ter deduzido sobre o conteúdo da caixa”.

11 Beyond Citizen Kane, traduzido como - Muito Além do Cidadão Kane. Este documentário foi proibido pela justiça brasileira de ser exibido. Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=m0m1rmi-Ooc&feature=related>

12 Boaventura de Sousa Santos explica o que vem ocorrendo, com o título - Media e Democracia, ver mais Revista Visão de 25 de Novembro de 2004.